

JULGAMENTO

# Testemunha diz que índio dormia coberto

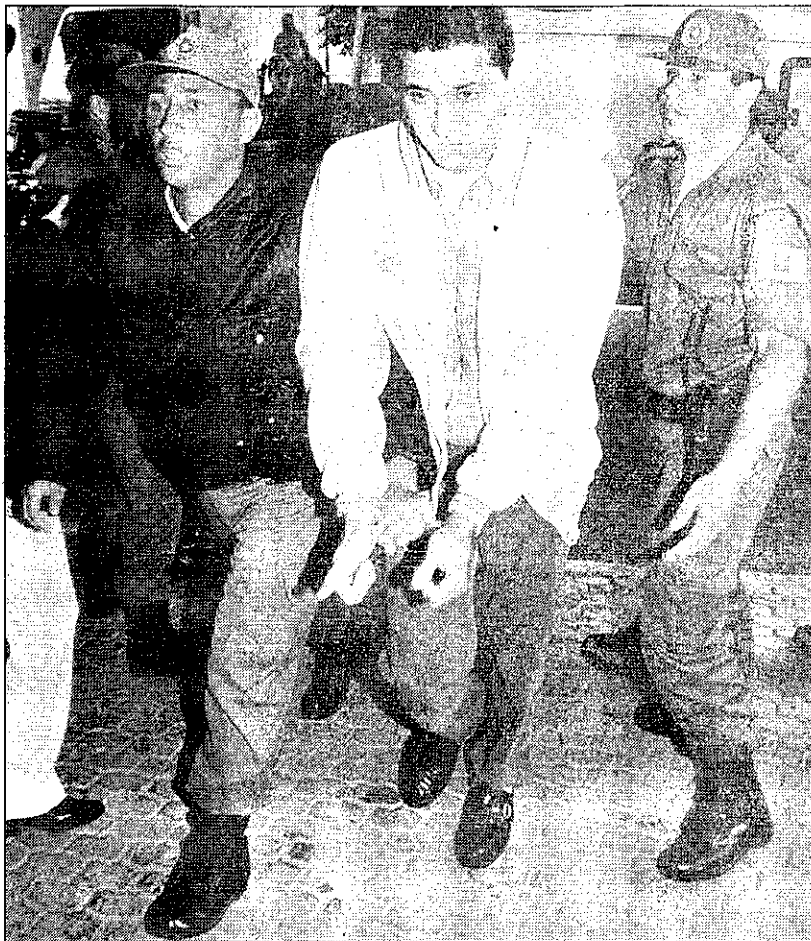
Ana Delmonte  
Especial para o **Correio**

O índio pataxó Galdino Jesus dos Santos dormia no banco da parada de ônibus da 703/704 Sul, coberto da cintura para baixo por um pano de cor escura, uma hora antes de ser incendiado pelos cinco rapazes acusados de sua morte. A versão é do mestre -de-obras Clério Silva, 69 anos. Ele foi uma das 28 testemunhas apresentadas ontem ao Tribunal do Júri do Distrito Federal pelos advogados de defesa de Max Rogério Alves, 19 anos, Eron Clóvis de Oliveira, 18 anos, Antônio Novély Vilanova, 19 anos, e Tomaz Oliveira de Araújo, 19 anos.

Os quatro atearam fogo em Galdino na madrugada de 20 de abril e, em todos os depoimentos prestados desde então, sustentam a tese de que o índio estaria coberto. O fogo, alegam os assassinos, teria sido jogado sobre um pano que envolvia Galdino, na intenção de reproduzir brincadeiras veiculadas por emissoras de televisão — as pegadinhas — mas, acidentalmente, acabou se alastrando por todo o corpo do índio. O quinto envolvido no episódio, o menor G.N.A., de 17 anos anos, já foi condenado a três anos de internação no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje).

A teoria do cobertor, apresentada pelos rapazes, foi contestada por laudos do Instituto Médico Legal (IML), do Instituto de Criminalística da Polícia Civil do Distrito Federal e por testemunhas que socorreram Galdino. Na época do crime, o delegado que presidiu o

André Corrêa



Max Rogério é um dos quatro acusados de matar o índio pataxó

inquérito policial, Valmir Carvalho, disse que a existência de um cobertor seria conveniente para defesa dos acusados, uma vez que serviria de argumento para comprovar que não havia intenção de incendiar todo o índio.

Clério Silva é a primeira pessoa que confirma essa versão do cobertor. O mestre -de-obras explicou que passava pela W3 Sul na madrugada do domingo, quando viu uma pessoa dormindo na parada de ônibus. Acostumado a fazer

lotação para ganhar um dinheiro extra, parou para verificar se a pessoa não queria uma condução. “O homem estava deitado, com o rosto voltado para a parede e coberto da cintura para baixo com um pano escuro. Buzinei três vezes. Como não respondeu, fui embora”, disse.

Quando viu nos jornais notícias sobre a morte do índio, ele reconheceu o pai de Eron, Eronivaldo, em uma das fotos. Silva garante ter trabalhado para a família há oito anos, consertando o telhado de uma casa no Lago Sul. “Era tanta polêmica sobre o cobertor, que resolvi procurar o Eronildo para contar o que vi”.

Ao explicar como foi parar na W3 àquela hora da madrugada, o mestre -de-obras não poupou detalhes, montando uma história considerada improvável por assistentes da promotoria. “Ele não viu nada. É testemunha arranjada”, afirmou a assistente da promotoria, Erilda Balduino de Souza. “Ela está no papel dela”, rebateu o advogado de Eron e Tomaz, Raul Livino.

As outras testemunhas ouvidas ontem eram amigos, vizinhos ou pessoas que de alguma forma se relacionaram com os acusados. O objetivo da defesa era mostrar o caráter e a personalidade dos rapazes. A defesa quer que os rapazes sejam acusados por lesão corporal seguida de morte, o que resultaria numa pena máxima de 12 anos. Para a promotora Maria José Miranda, os depoimentos de ontem não mudam nada e a intenção é insistir na denúncia de homicídio triplamente qualificado e corrupção de menores. Nesse caso, a pena poderá chegar a 34 anos.

CB  
7/16/97  
2  
001